



Chico da Silva

Biografia

Chico da Silva (Francisco Domingos da Silva)

1910/1922, Alto Tejo - AC / 1985, Fortaleza - CE

Nasceu no Acre, em plena floresta amazônica, filho de Minervina Félis de Lima e de Domingos da Silva, caboclo peruano. É talvez o primeiro artista de fonte popular, depois de Vitalino, a atingir a evidência na mídia de todo o país, bem como na estrangeira especializada. Em entrevista que me deu na sua casa do Pirambu, em 1974, expressando-se em português fluente e correto, as lembranças da infância de Chico Silva se resumiam “à manjedoura do rio, atirando de boleadeira nos pássaros”. Foi para o Ceará com a família aos seis anos de idade. Em seguida, para uma fazenda em Quixadá. Com a morte da mãe, que o recomendara a amigos fazendeiros, “vai se criando, sempre no meio da sociedade. Não precisava de escola. A natureza, eu tinha”.

Com 12 anos, vai para Guaramiranga, onde ficou até o princípio da mocidade. Iniciou-se na pintura em Fortaleza (CE), sua residência desde 1935, exercendo pequenos trabalhos de sapateiro, funileiro, soldador, pedreiro, carpinteiro e pintando paredes. Do que mais gostava, no entanto, “era desenhar vom mato verde apanhado na hora, e tijolo branco e vermelho (porque eu não tinha tinta naquela época) nas paredes das casas dos pescadores”. A Heloisa Juaçaba acrescentou que chamava de “caon mortuário” para dar o preto e o cinza”. Assim foram vistos pela primeira vez seus grandes pássaros amazônicos, fguras marinhas e dragões pelo crítico e pintor suíço Jean Pierre Chabloz, na sua primeira permanência no Ceará, entre 1943 e 1944. “Aqueles

peixes”. disse-me Chico, “nome ninguém pode dizer, porque cada dia boto um peixe diferente pra fora: a cabeça está cheia de peixes.” Quanto aos dragões, um poderia ser o “Dadãodão, monstro pré-histórico, que vive em perseguição. Filhos perseguem os pais porque querem ser mais que eles”, conclui freudianamente. Chablosz o introduz ao guache, material que não mais abandonou, pela afinidade com o seu primeiro modo de pintar, e o encaminha para exposições que vão de Fortaleza (1943) a Genebra (1949), Neuchâtel (1956), e individuais no Rio de Janeiro (1945) e em Lausanne (1950). Chablosz escreve em “Cahiers d’Art” o artigo “Um índio brasileiro reinventa a pintura”, em 1952, ano em que a arte de Chico é apresentada a André Malraux e a Christian Zervos.

Uma reportagem em cores na revista “O Cruzeiro” projetou-o nacionalmente. Em 1945, quando expôs no Rio, na Galeria Askanazy, o crítico Ruben Navarra observou: “Devo dizer que os guaches desse artista indígena são qualquer coisa de muito sério. Na arte brasileira, só Cícero Dias, há dez anos atrás, me dera uma impressão de ingenuidade lírica tão poderosa, aplicada à pintura.” As primeiras ausências de Chablosz do Brasil, no anos 1940, corresponderam ao abandono da pintura por Chico, retomada quando o pintor suíço regressava a Fortaleza. Num dos seus retornos, no ano de 1959, Chablosz buscou incentivar mais uma vez Chico, obtendo-lhe um emprego de servente com o reitor da Universidade Federal do Ceará, o que na realidade significava abrir-lhe um espaço para poder pintar e refletir sobre o seu trabalho. No Museu da Arte da Universidade, Chico realizou o grande conjunto de guaches que até hoje estão no seu acervo. Na década de 1960, iniciou-se o doloroso e espetacular périplo de Chico, que abandona a Universidade, expondo-se a uma comercialização desenfreada da sua arte, com raros momentos de exceção, como as exposições na Galeria Relevo (RJ, 1963), na Galeria Jacques Massol (Paris, 1965) e “Artistas Primitivos Brasileiros” (cidades da Europa, inclusive Moscou, 1966).

Recebeu menção honrosa na Bienal de Veneza de 1966, com a curadoria do crítico Clarival do Prado Valladares, que na ocasião escreveu: “É o intérprete de uma mitologia diluída na tradição oral de uma região imensa que só ele fixou e refletiu (...). Outro aspecto relevante é a sua qualidade plástica como composição bem ordenada e contruída (...). O grafismo, a trama do desenho, a policromia e o enriquecimento detalhista são características marcantes.”

Paralelamente a esse brilhante circuito, havia-se constituído em Fortaleza, com o consentimento do artista, que praticava excessos com bebida, uma rede coletiva de produção dos seus trabalhos. Apareceram centenas de telas com pinturas a óleo, de execução mais fácil que os guaches sobre cartolina. Tinha sido excessiva a exposição de Chico à mídia e ao mercado. Nos anos 1970 ele adoeceu e seu prestígio decaiu até as multiplicações de seu trabalho se encontrarem em lojas de “souvenirs”. Em 1974 o governo do Estado lhe dá outra casa, mas com a saúde abalada o artista é internado, em 1977, em uma clínica psiquiátrica, da qual ainda saíria para participar da I Bienal Latino-americana promovida pela Bienal de São Paulo. Novas recaídas da doença, novas polêmicas sobre falsificações de obras, concessão de pensão vitalícia e oferecimento de uma nova casa pelo governo do Ceará marcaram o ano da morte de Chico Silva, pai de nove filhos vivos e um dos grandes artistas do país.

Fonte: Pequeno Dicionário do Povo Brasileiro, século XX I Lélia Coelho Frota – Aeroplano, 2005



Sem título, 1968
Óleo sobre tela
50 x 66 cm | 19.68 x 25.98 in

Exposições Individuais:

2023 Chico da Silva: A Boca do Mundo, Galeria Base, São Paulo – SP | Brasil

2022 Chico da Silva : Conexão sagrada, visão global, Museu de Arte Sacra São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

2022 - Chico da Silva, Galeria Gomide & Co, São Paulo, SP, Brasil

2017 Chico da Silva, Centro Cultural Belchior, Fortaleza, Ceará, Brasil

2010 Chico da Silva – O Renascer 100 Anos, Espaço Cultural Correios, Fortaleza, CE, Brasil

2005 Chico da Silva em Três Dimensões, Centro Cultural Banco do Nordeste, Fortaleza, Ceará, Brasil

2002 Santa Ingenuidade, Unifieo, São Paulo, SP, Brasil

1989 Retrospectiva Chico da Silva: Do Delírio ao Dilúvio, Espaço Cultural do Palácio da Abolição, Fortaleza, CE, Brasil

1967 Francisco da Silva, A Galeria, São Paulo, SP, Brasil

1967 Francisco da Silva, Galeria Gemini, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1967 Francisco da Silva, Galeria Dezon, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1966 Francisco da Silva, Petite Galerie, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1965 Francisco da Silva, Galeria Querino, Salvador, BA, Brasil

1965 Francisco da Silva, Galeria Selearte, São Paulo, SP, Brasil
 1965 Francisco da Silva, Galeria Goeldi, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 1963 Francisco da Silva, Galeria Relevo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 1961 Francisco da Silva, Sede dos Diários Associados, Fortaleza, CE, Brasil
 1965 Oito Pintores Ingênuos Brasileiros, Galeria Jaques Massol, Paris, França
 1950 Francisco da Silva, Galeria Pour L'Art, Lausanne, Suíça

Exposições Coletivas:

2023 Bienal das Amazônias, Belém – PA, Brasil
 2023 REVERSOS & TRANSVERSOS: artistas fora do eixo (e amigos) nas bienais, Galeria Estação, São Paulo – SP, Brasil
 2023 Chico da Silva e o ateliê do Pirambu, Pinacoteca do Estado de São Paulo - São Paulo, SP, Brasil

 2021-2022 Composições para tempos insurgentes, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 2016 Entreolhares d'alma brasileira, Museu Afro Brasil, São Paulo, SP, Brasil
 2013 Trajetórias – Arte Brasileira na Coleção Fundação Edson Queiroz – Unifor 40 Anos, Fundação Edson Queiroz, Ceará, Fortaleza
 2007 Encuentro entre dos Mares- Bienal de São Paulo- Valencia, Convento del Carmo – Valencia, Espanha
 2006 MAM (na) OCA: Arte Brasileira do Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, OCA, São Paulo, SP, Brasil
 2006 – 2007 Viva Cultura Viva do Povo Brasileiro, Museu Afro Brasil, São Paulo, SP, Brasil
 2005 Brasileiro, Brasileiros, Museu Afro Brasil, São Paulo, SP, Brasil
 2005 Encontros e Reencontros na Arte Naifs: Brasil-Haiti, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB Brasília), Brasília, Brasil

2002 6ª Bienal Naifs do Brasil, SESC, Piracicaba, SP, Brasil

2002 Pop Brasil: A Arte Popular e o Popular na Arte, CCBB, São Paulo, SP, Brasil

2000 Brasil + 500 Mostra do Redescobrimento Pavilhão da Bienal, São Paulo, SP, Brasil

2001 Biografias Instantâneas, Casa das Rosas, São Paulo, SP, Brasil

1996 Expo FIEO: doação Luiz Ernesto Kawall, Centro Universitário FIEO, Osasco, SP, Brasil

1990 Figurativismo/Abstracionismo: o Vermelho na pintura, Itaú Cultural, São Paulo, SP, Brasil

1988 O Mundo Fascinante dos Pintores Naïfs, Paço Imperial, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1985 Tradição e Ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

1984 3º Salão Nacional de Artes Plásticas - sala especial, Fortaleza, CE, Brasil

1980 Gente da Terra, Paço das Arte, São Paulo, SP, Brasil

1978 1ª Bienal Latino-Americana de São Paulo, Fundação Bienal, São Paulo, SP, Brasil

1978 3º Salão de Artes Plásticas da Noroeste, Fundação Educacional de Penápolis - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis, Penápolis, SP, Brasil

1978 28º Salão de Abril - sala especial, Fortaleza, CE, Brasil

1977 27º Salão de Abril, Fortaleza, CE, Brasil

1972 Arte/Brasil/Hoje: 50 Anos Depois, Galeria Collectio, São Paulo, SP, Brasil

1970 20º Salão de Abril, Fortaleza, CE, Brasil

1967 9ª Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal, São Paulo, SP, Brasil

1966 33ª Bienal de Veneza – Menção Honrosa, Veneza, Itália

1966 Primitivos Brasileiros, Instituto de Cultura Hispânica, Madri, Espanha

1966 Brasil Incomum, Maison Janson, Paris, França

1966 Artistas Primitivos Brasileiros – itinerante, Europa

1956 Exposição Brasileira de Arte Folclórica e Popular, Museu Etnográfico, Neuchâtel, Suíça

1945 Cearense dos pintores Antonio Banderia, Inimá, Raimundo Feitos, Jean-Pierre Chabloz, Galeria Askanasy, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1944 3ª Salão Cearense de Pintura, Fortaleza, CE, Brasil

1943 Salão de Abril, Fortaleza, CE, Brasil

Coleções Públicas:

MAM/SP – Museu de Arte Moderna de São Paulo

Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Tate Modern, Londres, UK

Publicações Seleccionadas:

2007 Encuentro entre dos Mares- Bienal de São Paulo- Valencia, Catálogo, Valencia, Espanha

2006 Viva Cultura Viva do Povo Brasileiro, Catálogo, Museu AfroBrasil, São Paulo, SP, Brasil

2005 Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro – século XX, Lélia Coelho Frota, São Paulo, SP, Brasil

2005 Brasileiro, Brasileiros, Catálogo, Ispis Gráfica e Editora, São Paulo, SP, Brasil

2000 Catálogo, Museu do Homem do Nordeste, Gráfica circuito, Recife, PE, Brasil

2000 Mostra do Redescobrimento- Brasil 500 anos I Arte Popular, Takano Editora, Brasil

1998 A Arte Naïf no Brasil, Jacques Ardies e Edson de Andrade Geraldo, Empresa das Artes, São Paulo, SP, Brasil

1978 Aspectos da pintura primitiva brasileira, Flávio de Aquino, Spala, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1979 Arte no Brasil, Pietro Maria Bardi, Abril Cultural, São Paulo, SP, Brasil

1990 Chico da Silva: do delírio ao dilúvio, Roberto Galvão, Espaço Cultural do Palácio da Abolição, Fortaleza, CE, Brasil

1988 A saga do pintor Francisco Domingos da Silva, Tukano, Fortaleza, CE, Brasil

1988 Dicionário Crítico da Pintura no Brasil, José Roberto Teixeira Leite, Artlivre, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1987 Entre dois séculos: arte brasileira do século XX na coleção Gilberto Chateaubriand, Roberto Pontual, Edições Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Exposições



2021-2022 Composições para tempos insurgents, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio),
Rio de Janeiro, RJ, Brasil



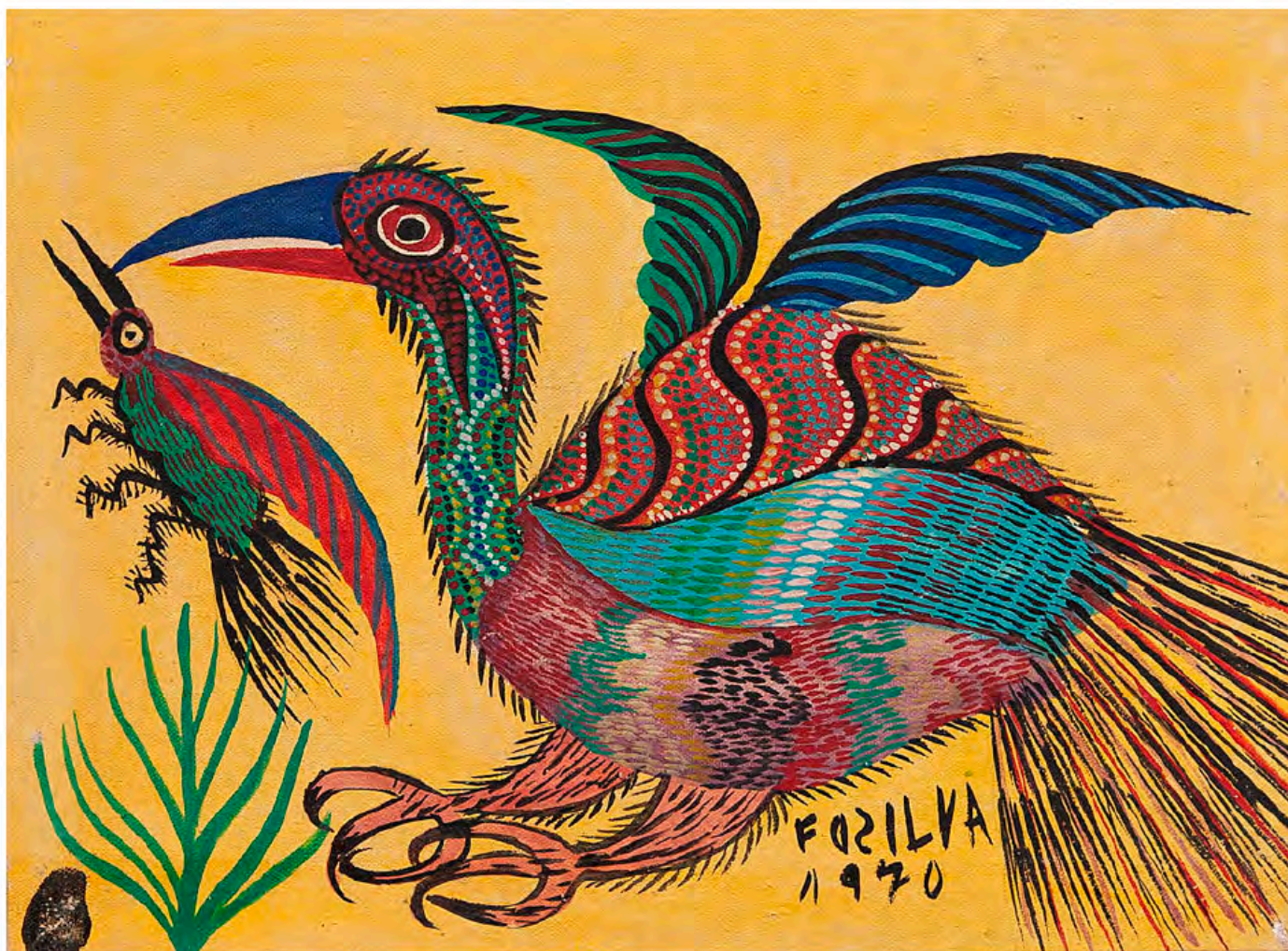


2016 Entreolhares d'alma brasileira, Museu Afro Brasil, São Paulo, SP, Brasil



2017 Chico da Silva, Centro Cultural Belchior, Fortaleza, Ceará, Brasil

Obras



Sem título, 1970
Óleo sobre tela
31 x 41 cm | 12.20 x 16.14 in





Sem título, 1968
Óleo sobre eucatex
51 x 74 cm | 20.07 x 29.13 in



Sem título, 1974
Óleo sobre tela
48 x 66 cm | 18.90 x 25.99 in





Sem título, 1972
Óleo sobre tela
40 x 50 cm | 17.71 x 19.68 in



Sem título, 1968
Óleo sobre tela
50 x 70 cm | 19.68 x 27.55 in





Sem título,
Óleo sobre eucatex
57 x 77 cm | 22.44 x 30.31 in



Com um acervo entre os mais importantes do país, a Galeria Estação, inaugurada no final de 2004, consagrou-se por revelar e promover a produção de arte brasileira não erudita. A galeria foi responsável pela inclusão desta linguagem na cena artística contemporânea, ao editar publicações e realizar exposições individuais e coletivas dentro e fora do País.

A Galeria Estação trabalha com obras de conhecidos autodidatas oriundos de várias regiões do Brasil, como Agostinho Batista de Freitas, Alcides dos Santos, Amadeo Luciano Lorenzato, Artur Pereira, Aurelino dos Santos, Chico Tabibuia, Cícero Alves dos Santos-Véio, G.T.O, Gilvan Samico, Itamar Julião, João Cosmo Felix-Nino, José Antônio da Silva, José Bezerra, Manuel Graciano, Maria Auxiliadora, Mirian Inês da Silva, Neves Torres, entre outros.

Atualmente a galeria vem incorporando ao seu elenco artistas pertencentes ao circuito artístico contemporâneo cujas obras dialogam com a criação não erudita, como André Ricardo, José Bernnô, Julio Villani, Germana Monte-Mór, Moisés Patrício e Santídio Pereira.

Partindo desta rara competência, o espaço consegue oferecer um panorama histórico e atual de uma produção que ultrapassou os limites da arte popular, ao mesmo tempo em que investiga nomes que, independentemente da formação, trabalham com elementos da mesma fonte.

Galeria Estação

Rua Ferreira de Araújo, 625 – Pinheiros – fone: (11) 3813-7253 De segunda a sexta, das 11h às 19h, sábado das 11h às 15h

www.galeriaestacao.com.br

contato@galeriaestacao.com.br